

A natureza assumida por Deus: a teologia litúrgica da *Laudato Si'*

*Nature is taken up by God:
the liturgical theology of Laudato Si'*

Vitor Gino Finelon*

Resumo

Este artigo procura relacionar a teologia litúrgico-sacramental com a ecologia integral. Para isso, analisaremos os artigos 233-237 da carta encíclica *Laudato Si'*. Nesses artigos, o Papa Francisco desenvolve, em chave ecológica, os seguintes temas litúrgicos: a celebração, ação educativo-espiritual da igreja; a sacramentalidade do cosmos; o valor material dos elementos do setenário sacramental; a eucaristia como maior elevação do cosmos; e, o domingo, dia ecológico-terapêutico. Nosso objetivo, contudo, é mostrar as tarefas deixadas pelo Papa Francisco para a teologia litúrgico-sacramental após a publicação da carta encíclica *Laudato Si'*. Esperamos ajudar a comunidade teológica a desenvolver os temas da teologia litúrgico-sacramental em conformidade com a ecologia integral. De fato, diante das graves situações socioambientais em que vivemos atualmente, a teologia litúrgico-sacramental, unida às outras instâncias de reflexão teológica, precisa se esforçar para contribuir em sua missão própria, como cume e fonte da vida eclesial, para a renovação da consciência, das práticas e da vida dos fiéis cristãos.

Palavras-chaves: *Laudato Si'*. Ecologia integral. Liturgia. Sacramentalidade da criação.

Abstract

This article seeks to relate liturgical-sacramental theology with integral ecology. Therefore, we analyze articles 233-237 of the encyclical letter *Laudato*

* Artigo submetido em 23/09/19 quando o autor ainda era doutorando na PUC-Rio.

Si'. In these articles Pope Francis develops, in an ecological key, the following liturgical themes: the celebration, the educative-spiritual action of the church; the sacramentality of the cosmos; the material value of the elements of the sacramental septenary; the Eucharist as the highest elevation of the cosmos; and Sunday as ecological-therapeutic day. Our objective, however, is to present the tasks left by Pope Francis for liturgical-sacramental theology after the publication of the encyclical letter *Laudato Si'*. We hope to help the theological community to develop the themes of liturgical-sacramental theology in accordance with integral ecology. In the face of the serious socio-environmental situations in which we live today, liturgical-sacramental theology, united with the other instances of theological reflection, must struggle to contribute to its own mission, as the summit and source of ecclesial life, for the renewal of consciousness, of the practices and life of Christian believers

Keywords: *Laudato Si'*. Integral ecology. Liturgy. Sacrament of creation.

Introdução

Este artigo pretende relacionar a teologia litúrgico-sacramental com a noção de ecologia integral. Na verdade, o pensamento teológico está sendo provocado a repensar e a reintegrar o mundo natural em função das graves questões sócio-ambientais hodiernas. No nosso contexto brasileiro, os problemas ambientais são urgentes e preocupantes. Dois eventos eclesiais chamam a atenção a respeito da relação teologia, ecologia e mundo atual: a publicação da carta encíclica *Laudato Si'* e o sínodo dos bispos para a região Pan-amazônia. Sendo o tema da ecologia integral de importância máxima para a Igreja, é legítimo que os liturgistas se perguntem sobre a contribuição que a teologia litúrgico-sacramental pode oferecer para uma nova consciência ecológica e para uma nova prática sobre a casa comum.

A carta encíclica *Laudato Si'* oferece uma série de intuições sobre a relação entre liturgia e ecologia. O Papa Francisco aborda, no transcurso do capítulo VI, intitulado “educação e espiritualidade ecológicas”, nos artigos 233-237, temas de teologia litúrgico-sacramental em chave ecológica. A teologia presente nestes cinco artigos são, na verdade, ao mesmo tempo, o reconhecimento do labor teológico anterior, e indicações para futuros aprofundamentos de ordem teológico-litúrgicos. Por isso, neste artigo, decidimos adentrar o texto desse documento magisterial, extrair dele suas percepções e elencar as tarefas deixadas nele para aprofundamento teológico posterior.

Ainda à guisa de introdução queremos apresentar o entendimento sobre a expressão ecologia integral a fim de clarificar, desde o início do artigo, o seu significado:

Se baseia no reconhecimento da relacionalidade como categoria humana fundamental. Isto significa que nos desenvolvemos como seres humanos com base em nossos relacionamentos conosco mesmos, com os outros, com a sociedade em geral, com a natureza/meio ambiente e com Deus.¹

Dito isto, passamos a contemplar quais são as temáticas apresentadas no texto da Encíclica que contribuem fecundamente para o desenvolvimento da teologia litúrgico-sacramental à luz do tema da ecologia integral.

1. A liturgia é ação educativo-espiritual que visa conscientizar o povo de Deus de sua vocação como guardião da casa comum

O local no qual o Papa Francisco decidiu tratar da relação liturgia-ecologia, na *Laudato Si'*, foi a destinada ao tema da educação e da espiritualidade ecológicas. Esse enquadramento da liturgia dentro da ação educativo-espiritual da Igreja nos revela uma baliza importante alcançada pelo magistério. A celebração litúrgica, assim como outras instâncias, contribui para a educação e a espiritualidade ecológicas. É necessário precisar que esta ação educativo-espiritual da Igreja, segundo a referida carta encíclica, visa romper o individualismo, modificar os hábitos nocivos, conscientizar sobre a responsabilidade ambiental, gerar um espírito de gratidão e gratuidade e, ainda, de criatividade face aos graves dramas ecológicos. A vivência litúrgica, então, é uma das ações eclesiais que efetiva a conversão ecológica dos fiéis.

De fato, os liturgistas vêm trabalhando a liturgia em chave educativo-espiritual. O professor A. Grillo, tratando da liturgia como instância educadora eclesial, afirma que:

Se a liturgia tem uma força, é exatamente porque esta opera essa elementar radicação no tempo e no espaço dos sujeitos crentes, que procede, antes de tudo, na educação dos sentidos e no plasmar da sensibilidade. Existe, na liturgia, o desdobrar-se de uma inteligência do mistério por meio das ações rituais que representa um recurso para a igreja no porvir.²

¹ SINODO DA AMAZÔNIA, *Instrumentum laboris*, 47.

² GRILLO, A., *Ritos que educam*, p. 37.

Nesta citação, destacamos que, para a teologia-litúrgica atual, a ação educativa, operada pela celebração litúrgica, atinge e plasma a sensibilidade humana. Nesse sentido, as pesquisas sobre o potencial educativo da liturgia precisam agora, após a *Laudato Si'*, ser ampliadas. Elas devem entender o alcance da formação da sensibilidade humana, através da liturgia, no que diz respeito a vocação cristã como guardiã da casa comum. Estamos aqui com a primeira tarefa da teologia litúrgico-sacramental em resposta à provocação da *Laudato Si'*: pensar a liturgia como instância educadora em prol de uma conscientização da vocação cristã de guardiões da casa comum.

2. A sacramentalidade do cosmos

O segundo tema introduzido na carta encíclica *Laudato Si'* é o da sacramentalidade do cosmos. Assim, os artigos 233 e 234 da *Laudato Si'* nos apresentam esta importante compreensão do cosmos à luz do conceito de sacramento. Citamos aqui algumas passagens importantes para testificar o que afirmamos: “há um mistério a contemplar numa folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre”³ e “o místico experimenta a ligação íntima que há entre Deus e todos os seres vivos e, deste modo, sente que Deus é, para ele, todas as coisas”.⁴ Por um lado, o mistério divino se revela na própria criação. Por outro, o místico é capaz de fazer experiência de Deus através dos elementos da criação. Assim, a natureza é uma ponte, uma mediação entre Deus e o místico.⁵

O leitor familiarizado com a teologia litúrgico-sacramental consegue perceber a força dos conceitos “mistério” e “mística”. Eles gozam de uma importância ímpar para a compreensão da força soteriológica da liturgia. Realmente, a teologia litúrgico-sacramental católica, desde os trabalhos do Movimento Litúrgico, vem passando da compreensão rígida e exclusiva do setenário sacramental, afirmado no Concílio de Trento, para uma abertura fecunda na qual se reconhece outras instâncias sacramentais em virtude da redescoberta da teologia do mistério.⁶

³ LS 233.

⁴ LS 234.

⁵ Antes, o Papa Francisco já tinha afirmado: “a consciência de que cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir, ou a certeza de que Cristo assumiu em si mesmo este mundo material e, agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com seu carinho e penetrando-o com sua luz; e, ainda, o reconhecimento de que Deus criou o mundo, inscrevendo nele uma ordem e um dinamismo que o ser humano não tem o direito de ignorar” (LS 221).

⁶ Para um maior aprofundamento sobre a importância central da teologia do mistério para a teologia litúrgica atual, indicamos: BOSELLI, G., O sentido espiritual da liturgia, p. 14-29;

De forma geral e sintética, podemos fazer um quadro dessa ampliação da noção sacramental: primeiro, a redescoberta do Cristo como sacramento radical e primordial;⁷ em seguida, a revalorização da igreja como sacramento do próprio Cristo;⁸ depois, a afirmação da sacramentalidade da história da salvação e da escritura;⁹ em seguida, a constatação do chamado “sacramento do outro”¹⁰ e, até mesmo, com a teologia da libertação latino-americana, o “sacramento do pobre”.¹¹ Agora, por fim, a *Laudato Si'* propõe a sacramentalidade do cosmos. Quando o Papa Francisco diz que o “mistério” pode ser contemplado em uma

CASEL, O., O mistério do culto no cristianismo, p. 13-83; e MARSILI, S., A liturgia, momento histórico da salvação, p. 39-190.

⁷ O tema da sacramentalidade do Cristo foi trabalhado pelo teólogo E. Schillebeeckx. Em sua concepção cristológica, com base numa teologia da encarnação, Cristo é o sacramento primordial da salvação, o sacramento de Deus por excelência” (SCHILLEBEECKX, E., Cristo, sacramento do encontro com Deus, p. 20).

⁸ O tema da sacramentalidade da igreja pode ser encontrado na obra do teólogo H. de Lubac. Ele afirma categoricamente que “a igreja é um mistério, ela é, assim também, um sacramento. Como local total dos sacramentos cristãos, ela é o próprio grande sacramento que contém e vivifica todos os outros. Ela é aqui o sacramento de Jesus Cristo, em sua humanidade, o sacramento de Deus, como o próprio Jesus Cristo é para nós” (DE LUBAC, H., Méditation sur l’Eglise, p. 164). Esse tema, ademais, penetra as páginas do Concílio Vaticano II. A *Lumen Gentium* assume a sacramentalidade do Cristo e da Igreja: “Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG 1).

⁹ O tema da sacramentalidade da palavra – história da salvação e Escritura – foi desenvolvido na exortação pós-sinodal *Verbum Domini*. (SANTANA, L. F. R., Bíblia e Liturgia, p. 513-517). O então Papa Bento XVI escreveu que “Assim é possível compreender a sacramentalidade da Palavra através da analogia com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrado. Aproximando-nos do altar e participando no banquete eucarístico, comungamos realmente o corpo e o sangue de Cristo. A proclamação da Palavra de Deus na celebração comporta reconhecer que é o próprio Cristo que Se faz presente e Se dirige a nós para ser acolhido” (VD 56).

¹⁰ O tema da sacramentalidade do irmão foi fundamentado por H. U. von Balthasar. Ele afirma que “é necessário que o cristão ame o irmão da mesma forma que a Cristo. Desta maneira, o cristão amará o seu irmão olhando para o Pai. Mas não poderá fazê-lo se não ver resplandecer – em virtude do amor – no rosto velado e desfigurado do irmão a imagem originária de cada homem” (BALTHASAR, H. U., von. La domanda de Dio dell’uomo contemporâneo, p. 168). Dessa forma, o amor fraterno, ao mesmo tempo, leva o fiel, por Cristo, ao Pai e faz descobrir, por detrás de todo sofrimento e pecado, o homem íntegro, à semelhança do Senhor.

¹¹ O tema da sacramentalidade do pobre foi desenvolvido pela teologia da libertação, na América Latina. Vejamos o tom teológico de sua formulação: “Como aparece o Senhor no sacramento do pobre? Neste, Deus se encontra não diretamente, em sua força divina e sua graça salvadora, como nos sacramentos rituais. Ele aí aparece como o Deus pobre e não como o Deus rico em favores. O sacramento do pobre nos comunica o Deus de sua vontade e não o Deus de seu auxílio. Aí Deus é interpelação e não consolação, questionamento e não justificação. Efetivamente, diante do pobre o homem é convocado ao amor, serviço, solidariedade e justiça. Esse é um sacramento amargo de se receber. E, no entanto, permanece, o único sacramento absolutamente necessário para a salvação” (PIXLEY, J.; BOFF, C., Opção pelos pobres, p. 136).

folha, em uma vereda, no orvalho e no rosto do pobre, ele está atestando a abertura mediadora comunicativo-dialógica das realidades desse mundo.

Contudo, esta sacramentalidade do cosmos, em conformidade com a *Laudato Si'*, está seguida de uma advertência importante. A afirmação de que o cosmos está aberto para comunicar o mistério divino não legitima uma concepção teológica panteísta. O Papa diz: “E isto, não porque as coisas limitadas do mundo sejam realmente divinas”.¹² Por isso, se por um lado, se evita cair numa dessacralização do cosmos, por outro, não se pretende conceber uma identidade entre natureza e divindade. A teologia sacramental terá a tarefa de pensar os níveis de sacramentalidade e suas decorrências teológicas entre as diversas instâncias que compõem já o patrimônio cristão: o Cristo, a Igreja, os sete sacramentos, a história, a Escritura, o irmão e, agora, após a *Laudato Si'*, o cosmos.

Ainda existe um ponto importante nestes artigos 233 e 234 decorrente da espiritualidade sacramental. Ao longo da história da espiritualidade sempre se correu o risco de uma espiritualidade “interiorizada”. Não que isso, a princípio seja errado, mais quando ocorre uma hipervalorização da dimensão subjetiva e intimista, aí, a espiritualidade cristã se desfigura. Por isso, o Papa Francisco, na *Laudato Si'* 233 e 234, insiste numa espiritualidade que “o ideal não seja só passar da exterioridade à interioridade a fim de descobrir a ação de Deus na alma, mas também chegar a encontrá-Lo em todas as coisas”.¹³ A espiritualidade sacramental ecológica tem ainda essa tarefa de conduzir o crente a perceber a ação de Deus, não apenas em sua “alma” – interioridade, subjetividade – mas também enxergar as ações de Deus nos seres e na história – objetividade.

Assim sendo, podemos encontrar na *Laudato Si'*, artigos 233 e 234, a tarefa de aprofundar o valor sacramental do cosmos. À esta tarefa se subordina a fundamentação teológica da sacramentalidade da natureza, evitando tanto a concepção dessacralizante quanto a panteísta, e o incentivo a espiritualidade sacramental que não permanece apenas nas experiências interiores, mas que engloba também a contemplação das ações de Deus no cosmos.

3. O setenário sacramental em sua dimensão material

O próximo tema de teologia litúrgico-sacramental abordado pela *Laudato Si'* é a relação entre setenário sacramental e ecologia integral. O artigo 235 já abre afirmando a qualidade própria da relação sacramento-ecologia: “os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida

¹² LS 234.

¹³ LS 233.

por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural”.¹⁴ Nesse ponto, o Papa Francisco aponta o valor simbólico do cosmos e apresenta o mistério da encarnação como paradigma para o entendimento da sacramentalidade.

A compreensão dos símbolos é de importância máxima para a teologia litúrgico-sacramental. De fato, todo edifício litúrgico se utiliza da linguagem simbólica e, por isso, a sua compreensão e a sua participação demandam uma consciência simbólica. Toda a realidade material assume um novo nível de significação dentro de um contexto celebrativo-ritual: a água, o pão, o vinho, o óleo, a luz etc. Essas realidades, pertencentes ao mundo cósmico, são assumidas por Deus e se transformam em mediadoras da graça sacramental.¹⁵

Aqui neste ponto, dois conceitos de teologia litúrgica são importantes para entender o alcance simbólico dessas realidades materiais. O primeiro conceito de teologia litúrgica é a “memória” (dimensão anamnética), ou seja, esses sinais foram usados por Deus no transcurso da história da salvação, foram ratificados por Cristo e recebidos pela igreja. É neste sentido que falamos que Deus assume esses elementos materiais. O segundo conceito de teologia litúrgica é o de presença (dimensão epiclética), isto é, quando Deus, Cristo e a Igreja utilizam esses sinais materiais para comunicar a salvação. Desta forma, sobre o elemento material, na celebração litúrgica, recai uma ressignificação a partir das dimensões anamnética e epiclética.¹⁶

Além disso, a *Laudato Si'* 235 afirma a centralidade do mistério pascal para compreender o valor da realidade material. Assim como a segunda Pessoa da Trindade assumiu a natureza humana, na celebração litúrgica a terceira Pessoa da Trindade assume tanto o homem quanto as realidades materiais,

¹⁴ LS 235.

¹⁵ D. Borobio afirma que “não há nada de estranho no fato de que podemos caracterizar os sacramentos como símbolos e de tentar explicar sua natureza a partir das especificidades dos símbolos. Isso quer dizer que tudo que se pode afirmar sobre o símbolo, pode ser dito, de alguma medida, sobre o sacramento. Por ser símbolo, o sacramento é igualmente uma realidade de ordem externa e visível que, sendo distinta da própria pessoa e da realidade simbolizada, nos remete a ela, representa-a de imediato para nós e nos desvela o seu mistério” (BOROBIO, D., *Da celebração à teologia*, p. 333).

¹⁶ J. Adazábal entende anamnese como o “correspondente *zikkaron* hebraico (o memorial) e conota não só uma recordação subjetiva, mas uma atualização do fato que se recorda: a vontade salvadora de Deus, os acontecimentos salvíficos do AT, como o êxodo, e para os cristãos, sobretudo, o mistério pascal de Cristo. A anamnese aponta também para o futuro; de algum modo antecipa-o” (ALDAZÁBAL, J., *Anamnese*, p. 28). Seu entendimento sobre a epiclesse nos posiciona que ela “é a invocação que se eleva a Deus para que envie seu Espírito Santo e transforme as coisas ou as pessoas (...) Invocando a força do Espírito nos nossos sacramentos, reconhecemos que é Deus quem salva e que o protagonismo é da ação do seu Espírito santificador” (ALDAZÁBAL, J., *Epiclesse*, p. 128-129).

transformando-as e elevando-as. Desta forma, na celebração litúrgica, a sinergia existente entre o Espírito e a Igreja atingem não apenas o homem, mas ainda o mundo material, transfigurando-o e dando-o um novo sentido, não mais apenas a partir da criação, mas em sua relação ao *escathón*. Assim diz o Papa Francisco: “Segundo a experiência cristã, todas as criaturas do universo material encontram seu verdadeiro sentido no Verbo encarnado, porque o Filho de Deus incorporou na sua pessoa parte do universo material, onde introduziu um germen de transformação definitiva”.¹⁷

O Papa Francisco ainda aponta para um grande perigo de uma concepção dualista. A tradição cristã, muitas vezes, enxergou o mundo e o cosmos de forma negativa. Esse tipo de mentalidade se refletiu no universo litúrgico. Dentro de uma visão dualista, a celebração se torna alienante, ou seja, desvinculada do mundo externo, da história dos povos, das vicissitudes humanas e das questões ambientais. Superado a visão dualista, a liturgia, por sua força própria, revela o valor teológico da natureza. Como visto acima, Deus não só cria, mas assume as realidades materiais como lugar da sua manifestação e da comunicação de sua salvação.¹⁸

Desta forma, a *Laudato Si'* deixa como tarefa para a teologia litúrgico-sacramental avaliar o alcance da ação divina de assumir certas realidades materiais para comunicar sua salvação aos homens e qual a decorrência disso para a celebração dos sacramentos e sacramentais. O mundo material, além do seu valor criacional, ganha novo sentido a partir dos eventos da ressurreição e da consumação escatológica.

4. A eucaristia, Deus assume o cosmos

Depois de tratar dos sete sacramentos, o texto da carta encíclica *Laudato Si'*, no artigo 236, se concentra, em especial, no sacramento da eucaristia. O Papa Francisco denomina a eucaristia como “a maior elevação da criação”, “um ato de amor cósmico” e “o centro vital do universo”.¹⁹ O seu texto aborda o tema da eucaristia em relação com a ecologia integral em quatro temáticas. Na

¹⁷ LS 235.

¹⁸ Os liturgistas insistem no perigo de uma concepção e de uma celebração de cunho dualista na igreja: “seria catastrófico para a experiência litúrgica separar a igreja do mundo, o corpo da alma, a natureza da graça, o céu da terra, a corporeidade da interioridade (...) Há uma relação direta entre o sacramento do altar e o sacramento dos irmãos, que são como que um prolongamento do altar. Em termo concretos, o critério da sinceridade da liturgia está nas obras de misericórdia” (FERNÁNDEZ, P.; MALDONADO, L., A celebração litúrgica, p. 279).

¹⁹ LS 236.

primeira, a eucaristia é descrita como alimento. Em seguida, a eucaristia é vista na sua dimensão doxológica. Depois, a eucaristia é encarada como presença antecipada da realidade escatológica. Por fim, a eucaristia é vista como fonte de luz e motivação diante das questões ambientais e de engajamento vocacional na missão de guardiães da casa comum.

Essas quatro temáticas poderiam ser enfrentadas à luz da própria oração da apresentação dos dons na liturgia eucarística.²⁰ Nesta oração, o sacerdote reconhece o pão e o vinho como “frutos da terra e do trabalho do homem”. Assim, sendo a celebração eucarística demanda uma compreensão tanto ecológica – fruto da terra – quanto da cultura – fruto do trabalho humano. A teologia da eucaristia de cunho ecológico lança um foco e acrescenta, nas reflexões da igreja, a importância da ordem cósmica, produtora do alimento, e a utilização dessa ordem pelo homem, a cultura da agricultura e da alimentação. Isso de tal forma, que possa, de fato, atingir os celebrantes fazendo-os se comprometer com uma nova ética em relação ao cosmos e a sua utilização humana.²¹

É necessário repensar a eucaristia, e todo o edifício litúrgico, em conexão com a ecologia integral. A nossa pastoral e catequese litúrgicas ainda não integram a ordem cósmica como constitutiva do sacramento da eucaristia e nem da espiritualidade decorrente dele. Sabemos que o Deus criador instaura uma ordem para os frutos da terra e as necessidades dos homens e dos outros seres. O homem, por sua vez, intervém nessa ordem com a cultura e o trabalho. O valor do plantio e da colheita está na base da compreensão do sacramento da eucaristia. Mas também o valor da terra e do trabalhador. Se uma celebração eucarística não nos leva a pensar sobre as condições da terra e do trabalho, da agricultura e do trabalhador, ela está desfigurada de sua natureza salvífica. O pão e o vinho são sinais, também, da aliança cósmica celebrada por Deus na

²⁰ O sacerdote faz esta oração na apresentação do pão: “bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida” (Missal Romano, p. 402). Ele segue fazendo a seguinte oração na apresentação do vinho: “bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo vinho que recebemos de vossa bondade, fruto da videira e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e que para nós se vai tornar vinho da salvação” (Missal Romano, p. 403). Estas duas orações manifestam bem a relação entre a criação (fruto da terra e fruta da videira), a ação cultural-laborativa do homem (fruto do trabalho humano) e a ordem soteriológico-escatológica (pão da vida e vinho da salvação).

²¹ É indissociável a relação entre liturgia e compromisso ético: “A maravilha da liturgia vivida é, pois, o mistério da caridade divina, tornando-se o tudo da nossa vida. Na sua fonte, no seu fluxo, nos seus frutos, esta caridade procura tudo penetrar: o âmago do coração e o ser pessoal, o trabalho e a cultura, as relações entre as pessoas e o tecido de nossa sociedade. Na caridade, o reino está presente e vem com poder, o do Senhor crucificado e ressuscitado” (CORBON, J., A fonte da liturgia, p. 185).

criação. Por isso, devem ser, em primeiro lugar, sinal de bênção para o cosmos e o homem. Sinal de bênção significa o reconhecimento da sacralidade da ordem cósmica e da sacralidade do trabalho (e do trabalhador). Uma celebração eucarística que, esquecendo da sua dimensão cósmica, faça recair sua força apenas na dimensão soteriológico-escatológica, não realizaria plenamente seu ciclo doxológico. Nesse sentido, apoiado por passagens bíblicas como Sl 104,14-15 que descrevem o ciclo cósmico (“de tuas altas montanhas regas os montes, e a terra se sacia com o fruto das tuas obras; fazes brotar relva para o rebanho e plantas úteis ao homem, para que da terra ele tire o pão”), o Papa Francisco entende que a celebração da eucaristia deve nos transformar em “guardiões da criação inteira”.²²

Esse artigo 236, então, tratando da teologia do sacramento da eucaristia, lega uma tarefa de repensar esse sacramento, abordando-o nas suas quatro perspectivas – alimento, doxologia, antecipação escatológica e compromisso ético – em função da ecologia integral, ou seja, entendendo sua base cósmico-cultural bem como as demandas político-sociais decorrentes dela.

5. O domingo, dia ecológico

O último tema da relação teologia litúrgico-sacramental e ecologia integral está no artigo 237 da carta encíclica *Laudato Si'*. O Papa Francisco trata do valor ecológico do domingo – dia do Senhor. Esse dia, segundo o texto da encíclica, é “dia de cura das relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o mundo”.²³ Essa dimensão terapêutica do domingo está alicerçada na sua compreensão teológica como o dia da ressurreição e, ainda, como o dia escatológico: o primeiro e o oitavo dia.²⁴

Essa cura dominical está no reto equilíbrio das relações entre repouso festivo e trabalho. Para isso, o Papa Francisco apresenta um quadro de compreensões limitadas sobre o binômio repouso-trabalho. A primeira compreensão limitada sobre o binômio repouso-trabalho é o descanso estéril e inútil. Ele indica substituir esta esterilidade e inutilidade pela receptividade e

²² LS 236.

²³ LS 237.

²⁴ O Papa João Paulo II já tinha apresentado o valor sacramental do domingo como primeiro e oitavo dia, em consonância com a tradição patristica. Ele escreve que “o fato do sábado ser o sétimo dia da semana fez considerar o dia do Senhor à luz de um simbolismo complementar, muito apreciado pelos Padres: o domingo, além de ser o primeiro dia, é também ‘o oitavo dia’, ou seja, situado, relativamente à sucessão setenária dos dias, numa posição única e transcendente evocadora, não só do início do tempo, mas também do seu fim no ‘século futuro’(...) A celebração do domingo, dia simultaneamente primeiro e oitavo, orienta o cristão para a meta da vida eterna” (DD 26).

gratuidade. Daqui nasce uma nova tarefa para a teologia e pastoral litúrgica, pois ela deve pensar em como contribui para desenvolver nos cristãos – e atingir a cultura – esse espírito de receptividade e de gratuidade.²⁵

A segunda compreensão limitada sobre o binômio repouso-trabalho é o ativismo vazio. Este ativismo vazio, na verdade, se assenta na ganância desenfreada e no individualismo egoísta. A pausa dominical permite romper essa lógica do “tempo é dinheiro” e reconhecer o direito aos outros e dos outros, chegando até ao mundo cósmico. Surge mais uma tarefa para a teologia e a pastoral litúrgica. Ela precisa ajudar o ser humano a parar para perceber a sua própria necessidade dos outros e do cosmos e a entender as demandas dos outros e do cosmos.²⁶ O Papa Francisco entende que o “o dia do descanso (...) encoraja-nos a assumir o cuidado da natureza e dos pobres”.²⁷

²⁵ As palavras do Papa João Paulo II sobre a lógica do trabalho no seu tempo se tornam ainda mais urgentes se pensarmos nas formas como a economia neoliberal vem se desenvolvendo e atingindo, sobretudo, as nações mais pobres. No Brasil, recentemente, tivemos mudanças do conjunto de leis que ordenam o mundo do trabalho – a chamada “reforma trabalhista”. Ela atenta gravemente aos princípios ecológicos cristãos, afetando gravemente o direito ao descanso: “Por último, importa não perder de vista que o trabalho é, ainda no nosso tempo, uma dura escravidão para muitos, seja por causa das condições miseráveis em que é efetuado e dos horários impostos, especialmente nas regiões mais pobres do mundo, seja por subsistirem, mesmo nas sociedades economicamente mais desenvolvidas, demasiados casos de injustiça e exploração do homem pelo homem. Quando a Igreja, ao longo dos séculos, legislou sobre o descanso dominical, teve em consideração sobretudo o trabalho dos criados e dos operários, certamente não porque este fosse um trabalho menos digno relativamente às exigências espirituais da prática dominical, mas sobretudo porque mais carente duma regulamentação que aliviasse o seu peso e permitisse a todos santificarem o dia do Senhor (...) E, no contexto histórico atual, permanece a obrigação de batalhar para que todos possam conhecer a liberdade, o descanso e o relax necessários à sua dignidade de homens, com as conexas exigências religiosas, familiares, culturais, interpessoais, que dificilmente podem ser satisfeitas, se não ficar salvaguardado pelo menos um dia semanal para gozarem juntos da possibilidade de repousar e fazer festa. Obviamente, este direito do trabalhador ao descanso pressupõe o seu direito ao trabalho, pelo que, ao refletirmos sobre esta problemática ligada à concepção cristã do domingo, não podemos deixar de recordar, com sentida solidariedade, a situação penosa de tantos homens e mulheres que, por falta dum emprego, se veem constrangidos à inatividade mesmo nos dias laborativos (DD 66).

²⁶ O Papa Francisco vem insistindo no tema da abertura para o outro como possibilidade de sanar o ativismo vazio. Ele diz que “nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom” (EG 92).

²⁷ LS 237.

Conclusão

Após percorrermos o texto da carta encíclica *Laudato Si'*, propriamente do artigo 233 ao 237, visando extrair algumas indicações sobre a relação teologia litúrgico-sacramental e ecologia integral, chegamos ao fim, podendo listar algumas tarefas deixadas pelo Papa Francisco aos teólogos e liturgistas²⁸.

A primeira tarefa é a de pensar a celebração litúrgica em sua constituição educadora da sensibilidade humana com objetivo de despertar a consciência dos cristãos quanto à sua vocação de guardiões da casa comum.

A segunda tarefa é a de fundamentar, de desenvolver e de aprofundar a noção sacramental do cosmos e, decorrente disso, incentivar uma espiritualidade sacramental cósmica que englobe a experiência subjetiva-interior e a contemplação da ação divina no mundo e na história.

A terceira tarefa é a compreensão do ato divino de assumir certas realidades materiais e empregá-las na salvação do ser humano. A celebração dos sacramentos e dos sacramentais são, ao mesmo tempo, o memorial das vezes que Deus se valeu do mundo natural para comunicar sua salvação e a presença divina atuante no mesmo mundo material. A grande novidade nesta tarefa é não concentrar o discurso apenas na realidade espiritual do sacramento – a graça – ou no destinatário dos sacramentos – o ser humano; mas sim, em compreender o valor disso na ótica do mundo cósmico.

A quarta tarefa é a formulação de uma teologia eucarística imbuída de uma preocupação ecológica. As dimensões constitutivas da eucaristia – banquete, doxologia, antecipação escatológica e compromisso ético – devem contribuir para que os cristãos entendam o valor cósmico-laboral do pão e do vinho ofertados (e, com isso, de toda a realidade natural-cósmica) e assumam sua vocação como guardiões da casa comum.

A quinta tarefa é a elaboração de uma teologia do domingo que repense o seu valor como dia de cura e de descanso. Nesse sentido, o descanso dominical deve exercer uma função terapêutica sobre o “descanso estéril e inútil” e sobre o “ativismo vazio” transformando-os, respectivamente, em receptividade e gratuidade e em compromisso no cuidado da natureza e dos seres humanos, em especial, os pobres.

²⁸ Seria importante pensar não só como o Papa Francisco orienta o trabalho teológico sobre ecologia e liturgia, mas também o influxo dos teólogos, sobretudo latino-americanos, para que o documento magisterial ganhasse sua envergadura profética (FERRAZ, C. G., A possível influência da Teologia Latino-Americana na composição da *Laudato Si'*, p. 52-53).

A teologia litúrgico-sacramental tem uma grande contribuição para realizar na comunidade eclesial. A celebração litúrgica é uma das possibilidades da efetivação, na virtude do Espírito Santo, da conversão ecológica da igreja e dos fiéis. Composta de ritos e de sinais sensíveis, a liturgia possui uma força própria e uma missão específica. Cabe aos liturgistas, debruçando-se sobre a *ars celebrandi* e a teologia, a espiritualidade, a catequese e a pastoral litúrgicas, desenvolverem os seus temas à luz da ecologia integral, proposta pelo Papa Francisco na *Laudato Si'*.

Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, J. Anamnese. In: ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 28.

ALDAZÁBAL, J. Epiclese. In: ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 128-130.

BALTHASAR, H. U. von. **La domanda de Dio dell'uomo contemporâneo**. Brescia: Queriniana, 2013.

BENTO XVI, PP. **Exortação Pós-sinodal *Verbum Domini***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em: 10 set. 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.

BOROBIO, D. Da celebração à teologia: O que é um sacramento? In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. p. 283-424. v.1.

BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CASEL, O. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo: Loyola, 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática *Lumen Gentium*** sobre a igreja. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 15 de set. 2019.

CORBON, J. **A fonte da liturgia**. Lisboa: Paulinas, 1999.

DE LUBAC, H. **Méditation sur l'Eglise**. Paris: Aubier, 1968.

FERNÁNDEZ, P.; MALDONADO, L. A celebração litúrgica: fenomenologia e teologia da celebração. In: BOROBIO, D. (Org.). **A celebração na Igreja**. Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. p. 161-282. v.1.

FERRAZ, C. G. A possível influência da Teologia Latino-Americana na composição da *Laudato Si'*. **Pesquisas em Teologia**, v. 1, n. 1, p. 38-54, jan./jun. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/697/500>>. Acesso em: 01 abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n1p38>

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si'***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 01 de set. 2019.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#N%C3%A3o_%C3%A0_ac%C3%A9dia_ego%C3%ADsta>. Acesso em: 10 set. 2019.

GRILLO, A. **Ritos que educam**. Os sete sacramentos. Brasília: Edições CNBB, 2017.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta apostólica *Dies Domini***. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1998/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini.html>. Acesso em: 10 de set. 2019.

MARSILI, S. A liturgia, momento histórico da salvação. In: MARSILI, S. (Org.). **A liturgia momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 39-190.

MISSAL Romano. São Paulo: Paulus, 2011.

PIXLEY, J.; BOFF, C. **Opção pelos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTANA, L. F. R. Bíblia e Liturgia. **Atualidade Teológica**, v.17, n.45, p. 510-530, set./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22916/22916.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 29 de jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.22916>

SCHILLEBEECKX, E. **Cristo, sacramento do encontro com Deus**. Petrópolis: Vozes, 1967.

SINODO DA AMAZÔNIA. *Instrumentum laboris*. Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2019.

Vitor Gino Finelon

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: ginofinelon@gmail.com

Recebido em: 23/09/2019
Aprovado em: 03/04/2020